

**PLANTANDO A CAPOEIRA ANGOLA: SENTIPENSAMENTOS SOBRE
CAPOEIRA ANGOLA, MULHERIDADES E AMAZÔNIA**

***PLANTANDO CAPOEIRA ANGOLA: SENTIMIENTOS Y PENSAMIENTOS SOBRE
CAPOEIRA ANGOLA, LAS MUJERES Y LA AMAZONIA***

***PLANTING CAPOEIRA ANGOLA: FEELINGS AND THOUGHTS ABOUT CAPOEIRA
ANGOLA, WOMANITIES AND THE AMAZON***



Carmem Pricila Virgolino TEIXEIRA¹
e-mail: carmemvirgolina@gmail.com

Como referenciar este artigo:

TEIXEIRA, C. P. V. Plantando a Capoeira Angola: Sentipensamentos sobre Capoeira Angola, mulheridades e Amazônia. *Rev. Cadernos de Campo*, Araraquara, v. 23, n. 00, e023018, 2023. e-ISSN: 2359-2419. DOI: <https://doi.org/10.47284/cdc.v23i00.16794>



| **Submetido em:** 21/05/2022
| **Revisões requeridas em:** 16/01/2023
| **Aprovado em:** 24/05/2023
| **Publicado em:** 22/12/2023

Editores: Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
Prof. Me. Mateus Tobias Vieira
Profa. Me. Thaís Caetano de Souza

¹ Artista-pesquisadora do teatro-dança, capoeirista, educadora social e produtora cultural. Pesquisadora vinculada a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE). Doutora em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, Mestra em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Graduada em Letras com Licenciatura em Língua Francesa pela Universidade Federal do Pará.

RESUMO: Este ensaio pretende sentipensar o evento Plantando a Capoeira Angola, evidenciando o protagonismo de mulheres na capoeira. Partindo de uma confluência de narrativas pautadas em vivências aqui apresentadas, o texto busca articular as experiências que ocorreram no evento a referenciais teóricos de áreas diversas do conhecimento, que põem em diálogo conceitos como sentipensar e performance negra, os quais serão esmiuçados no decorrer do texto. Ao evidenciar como uma vivência entre mulheres capoeiristas pode propiciar reflexões e incentivo para que possamos anunciar um novo tempo, de uma capoeira que acolha a diversidade de corpos que a manifestam, este ensaio afirma participações de mulheridades na capoeira e a importância histórica delas nesse contexto. Tecendo conexões entre mulheridades matripotentes de motrizes africanas e ancestralidades amazônicas em Belém, a presente escrevivência anuncia a eficácia de grupos, rodas de conversas, encontros autogeridos por mulheres como espaços que favorecem a afirmação de identidades plurais no universo da capoeira.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheridades. Capoeira Angola. Performance Negra. Sentipensamentos. Escrevivência.

***RESUMEN:** Este ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre el evento Plantando a Capoeira Angola, destacando el papel protagónico de la mujer en la capoeira. A partir de una confluencia de narrativas basadas en las experiencias aquí presentadas, el texto busca articular las vivencias ocurridas en el evento con referentes teóricos de diferentes áreas del conocimiento, que ponen en diálogo conceptos como sentimiento y performance negra, los cuales se detallarán a lo largo del texto. Al resaltar cómo una experiencia entre mujeres capoeiristas puede proporcionar reflexiones y estímulos para que podamos anunciar una nueva era, de una capoeira que acoge la diversidad de cuerpos que la expresan, este ensayo afirma la participación de las mujeres en la capoeira y su importancia histórica en este contexto. Tejiendo conexiones entre mujeres matripotentes de origen africano y ascendencia amazónica en Belém, este escrito anuncia la eficacia de grupos, círculos de conversación, encuentros autogestionados por mujeres como espacios que favorecen la afirmación de identidades plurales en el universo de la capoeira.*

***PALABRAS CLAVE:** Mujeres. Capoeira Angola. Rendimiento negro. Sentimientos. Escribiendo.*

***ABSTRACT:** This essay intends to feel/think about the event Plantando a Capoeira Angola, highlighting the protagonism of women in capoeira. Starting from a confluence of narratives, based on experiences presented here, the text seeks to articulate the experiences that occurred at the event with interdisciplinary theoretical references that put in dialogue concepts such as feelingthinking and black performance. Demonstrating how an experience among women capoeiristas can provide reflections and encouragement so that we can announce a new era of capoeira that welcomes the diversity of bodies that manifest it, this essay affirms the participation of women in capoeira and their historical importance in it. Evidencing connections between matripotent women with African motives and Amazonian ancestry in Belém, this writing announces the effectiveness of groups, conversation circles, meetings self-managed by women as spaces that favor the affirmation of plural identities in the universe of capoeira.*

***KEYWORDS:** Women. Capoeira Angola. Black Performance. Feelings. Writing.*

*Tu não sabes, mas eu sou aquelas mulheres de fogo
São aquelas mulheres de fogo o meu respirar[...]
E quando me vês passando por aí
A olhos nus não notas eu carregada por elas
Porque em mim caminham todas essas
(Roberta Tavares - Mulheres de Fogo)*

*Eu fui no pé da jurema
Peguei as sementes de lá
Trouxe elas comigo
Plantei em outro lugar
(Corrido de capoeira angola)*

Dá Licença aí colega velha, licença de Chegar² - Introdução

O ensaio que segue pretende registrar e sentipensar, pela sua importância e ineditismo, o primeiro encontro de *capoeira angola*, organizado por *angoleiras*, com participação apenas de mulheres, na Amazônia paraense. O evento intitulado *Plantando a Capoeira Angola* foi realizado entre os dias 03 e 06 de fevereiro de 2022, em dois municípios paraenses: Belém, capital do estado e Castanhal, cidade próxima, cuja distância de condução da capital é de 75 km. Gostaria de antecipar ao leitor que assumo, neste texto, meus sentimentos, memórias e poéticas, presentes em meus trabalhos artísticos e também em minha escrita. Dessa forma, possivelmente, gero incômodo em uma certa ordem vigente acadêmica, que insiste em afirmar o raciocínio cartesiano, com suas dicotomias, como fonte única de produção de conhecimento. De que serviria uma estudante vinculada a um programa de pós-graduação em artes, se não para querer interpelar, inclusive os paradigmas pós-positivistas das escritas no universo da academia?

Dialogo principalmente com o conceito de sentipensar. Segundo Moraes e Saturnino (2004), da área da pedagogia, é de fundamental importância a educação emocional e o ensino-aprendizagem das formas de se relacionar, e sobretudo, perscrutar a estreita vinculação entre perceber, sentir, pensar e atuar, evidenciando a conexão entre nossas emoções e nossas atitudes. Para os autores, o amor, por exemplo, é um sentimento possível de ser ensinado e aprendido,

² Em cada subtítulo do texto, trago trechos de cantigas de capoeira angola. E trago o itálico como marca de trechos de cantigas e também de depoimentos de praticantes.

enquanto conduta de respeito mútuo e solidariedade. Dessa maneira, ambientes nos quais se reconheça o estreito laço entre cognição e afetividade, este ensino-aprendizagem é favorecido e, dessa forma, demonstro, por meio de relatos, como um evento de capoeira angola, que se formatou entre mulheres, configurou-se num ambiente no qual a capoeira se manifestou como ferramenta eficiente para engendrar reflexões antimachistas, dentre as quais a produção deste ensaio é uma mostra.

Dialogo, ainda, com o conceito de escrevivência, de Evaristo (2009), para quem existe um corpus específico de escritores no Brasil com suas escritas atravessadas pelas experiências da/com a negritude. A partir desses diálogos, e de vinte anos de prática de capoeira angola, justifico a licença que me dou da escrita em primeira pessoa e do tema das minhas experiências em coletivos como fato relevante para discussão de conceitos que contribuem no debate sobre as relações de gênero em nossa sociedade e na capoeira. Convoco, também, para essa escrita tessitura as vozes das companheiras do coletivo, trazendo para o texto algumas falas, frutos de conversas informais ou de perguntas direcionadas a *camaradas e mestras*, gerando, para utilizar um termo empregado por Mestre Nego Bispo, uma *confluência* de narrativas, como o encontro de rios, que não deixam suas singularidades ao se encontrarem, mas que, em conjunto, formam algo maior. Nesse sentido, agradeço, em especial, os diálogos com a *mana*³ Mayara La Rocque, poeta, escritora, integrante do coletivo, que foi interlocutora importante para a organização final da estrutura deste texto.

Assim como em outros trabalhos meus, este ensaio representa um olhar, dentre tantos outros possíveis, para as temáticas abordadas. Muito longe de se pretender verdade absoluta, ou possibilidade de esgotamento do tema, apresenta-se como uma oportunidade de exercício narrativo. Ademais, é também uma resposta à dívida que sinto ter ficado ao não ter tido condições, perante a inúmeras pressões misóginas, de ter dedicado uma sessão devida à questão de gênero na dissertação que escrevi sobre capoeira angola em Belém, há aproximadamente doze anos, na qual, timidamente, pergunto na introdução do trabalho (TEIXEIRA, 2010, p. 23): “Num ambiente tradicionalmente masculino, uma mulher, procurando refletir sobre este universo, torna-se uma representação de ameaça?”. Então, mais de dez anos depois, eu mesma respondo que sim, porém pretendo refazer a afirmação inicial da dissertação, na qual me referi

³ Optei por colocar em notas de rodapé alguns termos inerentes ao universo da capoeira angola e/ou da militância social em Belém, assim como em itálico, no texto, palavras inerentes a esse universo. Propus uma dinâmica a um grupo de companheiras que fazem parte do coletivo e trago, então, nas notas do texto as definições de Brenda kalife, Bruna Matins e Xokeide d’Oya para alguns termos da capoeira angola e do candomblé angola.

ao ambiente da capoeira como tradicionalmente masculino, pois esse ambiente sempre foi atravessado por mulheridades.

Gostaria, ainda, antes de seguir nessa escrita, de explicar minha opção, desde o título do ensaio, por utilizar a palavra mulheridades, em detrimento de outras palavras como feminino, por exemplo. Essa escolha referenda o fato de se acreditar que seja esta a forma mais acertada para representar a pluralidade de identidades de mulheres presentes no encontro. Eu poderia dizer que nenhuma delas, ali presente, performatiza a expectativa vigente de uma feminilidade que remeta a fragilidade, passividade e objetificação, como a palavra feminino, ou mesmo mulher, pode suscitar. Tornamo-nos mulheres não por conta de uma condição biológica, mas por identificação e aprendizagem de comportamentos sociais que variam de cultura a cultura e que, no interior de um mesmo grupo social, pode assumir aspectos diversos. Conforme questiona Butler (2003, p. 09): “Ser mulher constituiria um fato natural ou uma performance cultural, ou seria a naturalidade constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas?” Para a autora, as categorias de identidade de gênero são resultadas no ocidente de duas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória.

Eu Quero Ver Idalina - Presença de Mulheridades na capoeira

A presença de mulheridades na capoeira é muito antiga. Para muitos historiadores e historiadoras, os registros mais antigos dessas presenças estariam associados a um contexto que remonta ao século XIX. Na fala de outros mestres e outras mestras, a própria *ginga*⁴, palavra que denomina o principal movimento corporal da capoeira, seria uma referência à Rainha Nzinga Mbandi, rainha africana muito conhecida por ter vencido várias batalhas em Angola, contra os colonizadores portugueses, celebrada por suas notáveis habilidades intelectuais e físicas. Segundo Fonseca (2021, p. 62):

Njinga Mbandi é até hoje lembrada em Angola como um símbolo da luta contra a colonização e sua trajetória foi recuperada pelos movimentos de independência nos anos de 1970. Na diáspora seu nome também aparece em muitas manifestações da cultura afro, como capoeira, congados e candomblés, associados à resistência negra e ao poder feminino.

⁴ Movimento base da capoeira, no qual, por meio da troca entre pernas e braços, o corpo elabora a preparação para outros movimentos de ataque e defesa.

Sendo então o principal movimento da capoeira, a *ginga*, que consiste em balançar o corpo, ludibriando assim o oponente, uma homenagem numa derivação do nome da rainha *Nzinga*, percebemos, como apontam historiadoras, como Fonseca (2021) e Foltran (2017), que embora a capoeira seja costumeiramente vista como um espaço masculino, sempre contou em suas formas de organização e lugares de expressão com a presença ativa de mulheridades. Portanto, por que constatamos no ambiente da capoeira a reprodução de violências de gênero contra corpos que não performatizam masculinidades?

Em consonância com outras mulheres sentipensantes do meio da capoeira, que em suas narrativas evidenciam a contradição que existe no fato de essa prática ser um espaço de questionamento da ordem colonial, que escravizou corpos negros, e, ao mesmo tempo, um espaço onde muitos valores do patriarcado, uma das bases desse mesmo sistema escravista. Assim surgiu o coletivo *Angoleiras Cabanas*, que vem ganhando destaque na organização de mulheres em torno da prática da Capoeira Angola, na cidade de Belém, desde 2018. Segundo Marinho e Assunção (2021, p. 63), “com o intuito de criar ambientes saudáveis para a propagação dos saberes ancestrais inerentes à capoeira angola, assim como na busca de refletir e intervir nessas contradições ainda existentes nessa prática” é que surgiu o coletivo. Segundo a idealizadora e integrante do coletivo, Brenda Kalife, em entrevista cedida em março de 2022:

Toda mulher já passou ou passa por situações de opressão dentro da prática da capoeira. No entanto, poucos são os espaços onde é possível se dialogar sobre. Pensando nisso, o coletivo Angoleiras Cabanas, a priori, Flores de Angola, foi idealizado para que mulheres pudessem se reunir para troca de saberes, treinos e diálogos sobre as violências que atravessam os corpos femininos nesta prática. Dessa forma, o coletivo foi criado de modo independente, como um movimento autônomo, com o objetivo de encorajar mulheres a se manterem na capoeira, tendo umas às outras como camaradas e cúmplices na luta antimachista. Nesse março de 2002, fazemos quatro anos de vida e de existência, com muitas aprendizagens e realizações para contar.

Com o aumento deplorável de casos de violência contra a mulher, durante o período de pandemia, somado a experiências de violências contra muitas de nós dentro da própria capoeira, acreditamos que realizar um evento de capoeira angola protagonizado por mulheres seria uma ação política combativa à chaga social do machismo, manifestado na sociedade como um todo, inclusive, infelizmente, também dentro da capoeira e, muitas vezes, vale lembrar, pelas próprias mulheres.

Constata-se que a condução de mulheres na prática da capoeira costuma ser muito mais cooperativa do que competitiva, muito mais acolhedora, e por isso resolvemos convidar para o

comando do evento duas mestras mulheres. São inúmeros os relatos de situações de constrangimento promovidas por conduções de masculinidades que exacerbam a marcialidade e a força física, dificultando a manifestação do enorme potencial que a capoeira possui de ferramenta pedagógica de transformação do sistema racista e machista.

Figura 1 – Plantando a Capoeira Angola



Fonte: Treinel Brenda Kalife e Mestre Di, na roda de abertura do evento, no terreiro de candomblé angola Mansu Nangetu. Foto: Mel Mater

O conceito do *evento*, por sua vez, apostou na representatividade e na ancestralidade, assim como na conexão entre as mulheridades da capoeira angola e a floresta amazônica, investindo na vinda de duas mestras de capoeira para Belém. Segundo Bruna Maria, integrante do coletivo e organizadora do evento, em entrevista cedida em março de 2022, a conexão entre a natureza como entidade viva e a capoeira angola é intrínseca:

No meu sentir, a capoeira é um campo de multiculturas e multirresistência que, no seu universo, transmite na memória oral e corporal o viver e saber tradicional, simples, rural, muitas vezes em um contexto de marginalidade social. O que vivemos durante os dias imersivos do Plantando Capoeira Angola, em certa medida, foi também um retorno ao coletivo, um retorno à mãe terra. Atravessando a brincadeira do “vadiar angola”, também falamos de soberania alimentar, de cuidado com o planeta, e a agrofloresta como uma prática de cuidado com o solo e geração de alimentos também nutre essa luta por uma autonomia.

As principais aspirações desse Encontro foram a discussão de táticas de rExistências e os enfrentamentos contra as mazelas do patriarcado, do racismo e demais práticas coloniais de opressão, inclusive contra a natureza; assim como a possibilidade de agregar às performances físicas e musicais das mulheres participantes mais repertório de cantos, toques e movimentações. Utilizo, aqui, o termo performance em seu aspecto epistemológico, segundo o qual, de acordo com os pesquisadores da área da antropologia da performance, tal palavra significa comportamento restaurado. Assim, todo ato desempenhado, restaurado por alguém para o olhar de outras pessoas pode ser visto como performance. Nesse sentido, desde um simples movimento que se repete na intimidade do cotidiano de alguém até uma apresentação teatral podem ser estudados pelo prisma da performance. Quando falamos de capoeira, nos referimos a um tipo de performance que pode ser vista como performance ritual. Segundo Martins (1997, p. 72):

As performances rituais cerimônias e festejos, por exemplo, são férteis ambientes de memória, dos vastos repertórios de reservas mnemônicas, ações cinéticas, padrões, técnicas e procedimentos culturais restituídos e expressos no e pelo corpo. Os ritos transmitem e instituem saberes estéticos, filosóficos e metafísicos, dentre outros além de procedimentos, técnicas, quer em sua moldura simbólica, quer nos modos de enunciação, nos aparatos e convenções que esculpem sua performance

Vim no Balanço do Mar de Angola – Capoeira e Bem viver

O encontro foi forte e intenso, tal qual as tempestades do inverno amazônico que ocorrem entre o final e o início do ano, e, ao fim, todas tiveram novas terras em si, revolvidas, com sementes plantadas. Por isso, a inserção, na epígrafe que abre este ensaio, do *corrido*⁵ que Mestra Di cantava durante o evento serve como uma metáfora sobre pegar as sementes num lugar e plantar em outro, como se a vinda das *mestras* e as *manas* do Maranhão tivesse trazido sementes novas, manejando em nós o desejo antigo de continuar rExistindo em bem viver, entre nós mulheres, com a sociedade como um todo e com a natureza enquanto entidade viva. Proveniente do movimento indígena do Equador, para o qual, na língua kichua, o *sumak kawsay*, ou seja, o bem viver — termo citado em inúmeras constituições de países da América do Sul a partir dos anos 2000 — propõe a construção de um outro tipo de sociedade, pautando

⁵ Cantiga de capoeira de base oral composta de versos (possíveis de criação e modificação), seguida de coro que são cantados por todos os presentes em uma roda de capoeira angola.

dentre outros princípios, o reconhecimento da natureza enquanto sujeito de direitos. Segundo Léon T (2008, p. 01), o bem viver

sintetiza visões e práticas ancestrais, debates e propostas atuais, o acúmulo de pensamento crítico e lutas sociais das últimas décadas; junta dinâmicas nacionais e internacionais de resposta ao ‘modelo de desenvolvimento’ e ao ‘modelo de civilização’ que conduziram a uma situação já reconhecida como insustentável.

É inegável o potencial da capoeira angola como espaço de experiência de bem viver. Sobre perspectivas do bem viver, Acosta (2016, p. 27) afirma que, nessa linha de pensamento, “a superação das desigualdades é inescapável. A descolonização e a despatriarcalização são tarefas fundamentais, tanto quanto a superação do racismo, profundamente enraizado em nossas sociedades.”

Esta proposta, em andamento, praticada por povos indígenas e em Interculturalidade Crítica (WALSH, 2009) também por outros povos, pode ser observada em universos de culturas de matrizes africanas. A Interculturalidade Crítica, conceito, por sua vez, também proveniente de movimentos indígenas sul-americanos, versa sobre a possibilidade de aproximações entre culturas, que, mesmo distintas, se unem na implementação de propostas contra o capitalismo. Na Amazônia, quanto mais o povo negro adentrou na floresta, mais se deu o contato com povos indígenas, principalmente no firmamento de colaborações solidárias.

Nossa atual necessidade amazônica de replantar uma enorme parcela já devastada da floresta, de cuidar para que o desmatamento não chegue ao ponto de irreversibilidade e a floresta morra pode nos fazer lembrar da tática das mulheres negras escravizadas, que, ao fugir para *quilombos* no Brasil, levavam em seus cabelos, sementes escondidas, para cultivar em liberdade outros campos; tecnologia ancestral que nos aponta um porvir de esperança na necessidade de plantar, replantar e cultivar cuidados. Portanto, a metáfora do *corrido* citado na epígrafe se aloja lá onde as trocas de experiências corporais, musicais são partilhadas como sementes, e que também nos lembra da urgência dos cuidados com a natureza.

Nesse sentido, vale ainda trazer à memória que, nos *quilombos*, nome dado aos acampamentos de treinamentos de guerra dos povos nômades *Jagas*, na África, as mulheres possuíam papel fundamental, eram numerosas e adotavam modos de vida guerreira. Lá, cuidavam desde a alimentação, dos objetos de guerra, até o manuseio de machadinhas e lanças. Dessa forma, ocupavam postos hierárquicos fundamentais no vencimento das guerras, como sacerdotisas, das quais os guerreiros e guerreiras dependiam (FONSECA, 2021). É possível

estabelecer analogias entre performances de mulheridades de *quilombos* desde a África até as identidades de *angoleiras*, nome dado às mulheres que praticam capoeira angola.

Vale ressaltar que o estado do Pará concentra, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a maior quantidade de *quilombos* na região norte, onde existe uma vasta contribuição das populações negras na cultura local, o que pode se perscrutar nas corporeidades dos folguedos aqui presentes e, também, em outras tecnologias locais. Pelo fato de não termos no estado uma mestra de capoeira angola, convidamos duas provenientes de outros estados para conduzir o evento, *mestra* Di, de Pernambuco e *mestra* Samme, do Maranhão; com o intuito de relacionar o contexto amazônico a questões de gênero e raça. A grande maioria das mulheres participantes do evento eram amazônidas, mulheres paraenses e maranhenses, estados vizinhos, brasileiros, por onde a floresta amazônica se estende.

Se a floresta amazônica é indissociável dos povos que nela habitam, pois somos nós os guardiões e guardiãs desse bioma, podemos também associar os ataques e ameaças que a floresta amazônica sofre aos ataques que a mulher nortista amazônica também sofre, o que constatamos nos altos índices de violência praticados contra a mulher na região. Os povos tradicionais amazônicos, e isso inclui povos tradicionais de motrizes africanas aqui presentes, são sangrados cotidianamente em suas dignidades pelo descaso com o qual o Estado brasileiro trata a região, que embora seja uma das mais ricas do mundo em recursos naturais, destaca-se como um espaço onde se apontam os piores índices de desenvolvimento humano do país.

Dessa forma, a presença dos grandes projetos na região, como a construção de hidrelétricas, que nos são impostas, construídas à revelia dos impactos ecológicos e sociais causados, assim como a presença dos garimpos, aumentam a vulnerabilidade de mulheres. Muitas vezes com a chegada do capital a pobreza se instala e as mulheres são empurradas para a prostituição, fazendo da nossa região uma das campeãs da exploração sexual infanto-juvenil, segundo relatórios da Polícia Federal, e rota marcada do tráfico de mulheres cis e trans, com a omissão do Estado brasileiro, fato agravado nos últimos quatro anos de ascensão de um governo de extrema direita.

Enquanto eu sentia a riqueza da pluralidade de personalidades das mulheres presentes ali no *Plantando a Capoeira Angola*, ocorriam, em mim, reminiscências de vários tipos de abusos e assédios que ocorrem contra mulheres. Eu fabulava internamente sobre nossos poderes de rExistir e reconhecia vários (re)sentimentos me atravessando, raivas, medos, esperanças, desejos, urgências de nos tornarmos protagonistas, narradoras de nossas trajetórias, acolhendo as fragilidades, sim, que nos constituem também, mas não só, também reconhecendo nossas

capacidades. Eu queria encontrar o que nos faz fortes, mas também não podia deixar de perceber que justamente nas fragilidades se forjam as forças. Quais outras vozes senão aquelas que foram subalternizadas conhecem melhor que qualquer outras a sede por justiça e libertação?

Queríamos encontrar um tempo cosmogônico de mulheres que não partiram de um princípio de subserviência, como no mundo branco ocidental, e sim um tempo das mulheres que sabem de seu protagonismo. Assim, queríamos essa *volta ao mundo*⁶ pela capoeira angola, um suspiro do tempo linear do sistema capitalista para espiralar no tempo de cosmologias da capoeira. Como poderíamos fazê-lo se na tradição da *capoeira angola* no Pará, não temos mestras mulheres? Como fazê-lo, se o projeto de embranquecimento da nação tentou e tenta apagar narrativas, memórias, protagonismos de mulheres não brancas? O espaço do evento *Plantando a Capoeira Angola* se fez para nós como essa possibilidade. Segundo Fonseca (2022, p. 08):

A sociedade do Kunene- sul de Angola- via o círculo do Ngolo como um espaço sagrado. A *elola* ou *ovahakelela*, a roda, era socialmente um espaço especial que evocava imagens poderosas do status sagrado da força. O ritual circular era configurado para levar os praticantes ao mundo espiritual. A roda da capoeira retoma o valor social do círculo e é entendida como “a volta do mundo”, a roda da vida onde tudo acontece, onde as características mais íntimas de cada um são evidenciadas, é a verdadeira sala de aula da capoeira onde se formam os mestres e se transmite práticas e valores tradicionais, é o palco em que ocorre a ligação com a “terra mãe”. Ao realizar esta “volta ao mundo”, o angoleiro sente que se reconecta com a ancestralidade, como se sua alma pudesse ir à África e trazer elementos da visão de mundo dos antigos para seu jogo.

A questão da não linearidade do tempo e da multidimensionalidade dos acontecimentos sempre me inquietou. Em circularidade espiralar, estamos certamente ligadas às ancestrais matripotentes, que foram invisibilizadas dos discursos oficiais da história de forma geral, e também da história da capoeira, colocadas em segundo plano, mas que sempre estiveram lá em elementos já citados, como a *ginga*, a *cabaça*⁷, na circularidade, na malemolência dos corpos, nos nomes de mulheres citados nas cantigas, *Marias*, *Idalinas*, *Catarinas*, *Salomé*s, *Nossas Senhoras*, *Sereias*. Valemo-nos do tempo cíclico celebrado na capoeira, que remonta a um retorno de um tempo primordial, como o fazem em geral todas as práticas tradicionais, para celebrar e invocar em nossos próprios corpos e vivências essas outras mulheres de outros

⁶ Momento de trégua na capoeira, quando os jogadores caminham de forma circular, apoiando-se um na mão do outro, até retomarem o jogo, propriamente dito, com movimentos de ataque e defesa.

⁷ Cabaça: fruto seco de plantas dos gêneros *Lagenaria* e *Cucurbita*, útil na confecção de instrumentos musicais, como o berimbau, que é responsável pela caixa acústica dos instrumentos.

tempos. Em *A Dívida Impagável*, a socióloga e professora Denise Ferreira da Silva (2019, p. 45) questiona os pilares do pensamento moderno ocidental, em diálogo com a física quântica, e nos remete a um princípio de unidade:

Tudo possui uma existência atual [actual] (espaçotempo) e virtual (não-local). Sendo assim, por que então não pensar a existência humana da mesma maneira? Por que não presumir que além de suas condições físicas (corporais e geográficas) de existência, em sua constituição fundamental, no nível subatômico, os humanos existam emaranhados com todas as coisas (animadas e inanimadas) do universo? [...] a socialidade não é mais nem causa nem efeito das relações envolvendo existentes separados, mas a condição incerta sob a qual tudo que existe é uma expressão singular de cada um e de todos os outros existentes atuais virtuais do universo, ou seja, como *Corpus Infinitum*.

Se todos os seres estão assim interligados da mesma maneira, passado, presente e futuro conectam-se em um só presente, num tempo alinear. A presença negra na Amazônia vem sendo documentada por alguns estudiosos, dentre os quais destaco Salles (2004), pioneiro nessa área de estudo, que demonstrou a inserção de capoeiristas em outros folguedos populares no estado do Pará, sobretudo, no boi-bumbá desde o século XIX. Na literatura produzida desde o início do século XX, como é o caso da obra *Batuque*, de Bruno de Menezes (1939), para citar apenas uma dentre outras obras literárias, também se registra a presença negra na Amazônia. Essa presença ainda é constatada nos jornais policiais da época, nos quais, não por acaso, meretrizes, batuqueiros, desordeiros e capoeiras eram todos e todas enquadrados pelo crime de vadiagem, pois infringiam o código de condutas de uma Belém caricatamente voltada à Europa, com uma elite governante rendida ao projeto da colonialidade e que negava, portanto, a contribuição incontestável de *motrizes* negras e indígenas na formação da cultura material e imaterial da cidade. Ainda nesse contexto do século XIX em Belém, estudos mais recentes apontam para registros policiais que indicam mulheres presas pelo crime de vadiagem. Silva (2016, p. 48), referendando levantamentos históricos, pontua:

[...] outras mulheres também foram encontradas envolvidas na capoeiragem nas ruas de Belém século XIX: Maria Meia Noite, Joana Maluca, Maria Galinha e tantas outras, foram notícias nas páginas dos jornais da época. O perfil dessas mulheres, em nada condiz com os modelos estabelecidos, entrando em contradição com os padrões comportamentais ditados para as mulheres brancas de elite, assim como para as escravizadas.

A capoeira em si nos remete, pela temporalidade cíclica, a um universo de uma África perdida, para onde qualquer pessoa que tenha sonhos de retorno a uma terra prometida pode se identificar. Há, desse modo, a busca por essa ancestralidade, pois, coloca-nos nesse tempo

espiral de retorno a um passado presente, em nossos corpos. Assim foram alguns dias de experiências nossas dentro da roda viva da capoeira: treinos, cantorias, rodas de conversas, convivências, batuques, tambores, maracas - da qual ninguém saiu incólume. Queríamos esse retorno, no *Plantando a Capoeira Angola*, à Rainha Nzinga Mbandi, que em Angola lutou contra os portugueses. Queríamos este retorno a Dandara de Palmares, que lutou pela construção do primeiro território livre da coroa no Brasil colonial. Queríamos celebrar as existências de mulheres de *corpos encapoeirados*⁸, nas ruas de Belém do século XIX; todas elas que nos inspiram, acompanham e se mantêm vivas em nós, pois, antes de nós, lutaram para que hoje estivéssemos aqui, assim como, depois de nós, lutarão ainda, nos corpos das mulheres capoeiras que virão.

Estar próxima a duas mulheres mestras de capoeira angola oportunizava-nos, no evento, o reencontro com a ancestralidade. Lélia Gonzales (2020), no ensaio *A Mulher Negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica*, ressalta tanto o lugar de vulnerabilidade dilatado da mulher negra — pois o sexismo e o racismo justapostos as colocam expostas aos mais altos níveis de opressão na pirâmide social brasileira — quanto a importância e o protagonismo desta mulher negra na existência ao sistema escravocrata colonial, ressaltando suas estratégias de sobrevivência no interior de uma sociedade capitalista e racista.

Lélia Gonzalez cita, dentre essas estratégias, desde as quais ela chama de resistência “passiva” até casos como os de Luísa Mahin - que na Revolta dos Malês, em 1835, na Bahia, teve participação tão relevante na organização e na luta armada desta Revolta, que ao fim foi deportada de volta à África, mas antes de partir, deu à luz a ninguém menos que Luiz Gama, um dos maiores militantes pela luta abolicionista no século XX, presente em todos os grandes movimentos de libertação nacional - O negro e a negra também na Amazônia participaram da *Cabanagem*, revolta popular que chegou a depor o poder local em Belém e se alastrou por todo território paraense e em outros pontos longínquos da Amazônia. Essa revolta inspira o nome do *coletivo*, e, embora eu ainda não possua grande conhecimento sobre a participação de mulheres nessa revolta, estudos apontam a participação efetiva delas na luta armada, como guerrilheiras. Por certo, investigar o que foi um corpo de mulher dentro dessa guerra, especialmente a presença de guerrilheiras cabanas capoeiristas mulheres, seria matéria para próximos escritos.

Se é sabido que, mesmo para homens durante um longo período, a capoeiragem era considerada uma prática criminosa; para mulheres, certamente, foi a partir da nova roupagem

⁸ *Corpo encapoeirado* foi uma expressão que ouvi recente da capoeirista Nildes Sena.

assumida nos anos 60 em diante, que a presença de mulheres se tornou uma constante nas academias e grupos. Segundo Foutran (2017, p. 101):

O único registro anterior a 1968 que cita mulheres envolvidas neste novo modo de fazer capoeira angola, ou seja, nas academias, é o Livro de Registros do Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), do Mestre Pastinha. Em seu caderno de controle de matriculas, Pastinha anotava algumas informações sobre os alunos de sua academia, como nome, endereço, idade e profissão. O registro de nº 113, referente aos anos de 1962 a 1965, é apenas a fotografia 3x4 do rosto de uma mulher. Abaixo desta foto não há qualquer informação. As outras duas mulheres inscritas no Livro de Registro de Pastinha são Maria de Lourdes Barbosa, matriculada em 1968, e Arbernia Soares Rezende, em 1969. Também de 1968 é o livro de Waldeloir Rego no qual afirma ter sido Gato Preto o primeiro Mestre de Capoeira a ensinar mulheres.

Atualmente, é crescente o interesse de mulheres capoeiristas em se reunirem para sentipensar as questões de gênero no interior do universo da capoeira. Existem grupos e coletivos que destinam treinos só para mulheres, mobilizações nacionais e internacionais pelas redes, eventos com espaços crescentes para as questões da mulher na capoeira e, segundo levantamento da Rede Angoleira de Mulheres (RAM), há, atualmente, 26 mestras de capoeira angola mulheres no mundo.

No site da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal da Bahia, localiza-se com facilidade a informação de que se fez, em 2001, a primeira mestra mulher, na história da capoeira angola do país, Valdelice Santos de Jesus, conhecida como Mestra Jararaca, formada na Bahia, por Mestre Curió. Apesar de não me deter aqui a aspectos históricos, pois não é meu recorte/intenção, sabemos que a presença da mulher na capoeira se conta, pelo menos, desde o século XIX ou, como já mencionamos, desde bem antes, na própria figura da rainha Nzinga. Entretanto, quais tipos de mulheridades nos foram permitidas manifestar nesses territórios das capoeiras? Hoje, o que reivindicamos é um espaço em que possamos manifestar as singularidades de nossos corpos, senhoras de nossas próprias narrativas, donas de identidades múltiplas e, sobretudo, capazes de fazer de nossos *corpos encapoeirados* ambientes de memórias que nos conectem a essas mulheres rainhas, estrategistas, livres, ativas, habilidosas intelectual e fisicamente.

Recentemente, em conversa informal com Carla Baía, uma capoeirista e dançarina da cidade, parceira querida de outros trabalhos artísticos, lembrávamos a finada Sílvia Leão, conhecida também como *Pé de Anjo*, que recebeu de Mestra Janja, postumamente, em 2016, num evento realizado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em

Belém, o título de mestra⁹. Foi a partir da vinda de mestra Janja, por sua vez, de Salvador, fundadora do grupo de capoeira angola Nzinga, pioneira em muitas das discussões de gênero dentro da capoeira e na academia, que postumamente se reconheceu quem viria a ter sido a primeira mulher mestra de capoeira na cidade de Belém. Tendo sido importante liderança do grupo *Dandara Bambula* e idealizadora do *Movimento Capoeira Mulher*, em Belém, um dos primeiros coletivos de capoeira organizado somente por mulheres no Brasil, Sílvia foi homenageada recentemente, dando nome à lei que instituiu o dia 13 de maio como o dia municipal da capoeira em Belém.

Retomo, então, o ponto citado acima, de quando Lélia nos fala sobre uma resistência passiva. Essa palavra “passiva” se refere à forma simbólica que a estratégia de rExistência ganhou, porém ativa nos resultados finais alcançados. Lélia, dialogando com teorias da psicanálise, faz-nos atentar ao papel fundamental exercido pelas mulheres negras no Brasil, na formação do inconsciente coletivo nacional. Cuidadoras tanto de seus próprios filhos quanto dos filhos dos brancos, antes como mucamas e, depois, como babás e empregadas domésticas, coube a essas mulheres a contação das primeiras estórias da infância, tão fundamentais na constituição da visão de mundo dos sujeitos, africanizando, dessa maneira, a cultura brasileira, pois as cantigas, estórias, brincadeiras ensinadas eram as provenientes de suas motrizes culturais vindas da África.

Nesse sentido, considerando o imenso poder narrativo no interior das cantigas de *capoeira angola*, que podem ser vistas como detentoras do mesmo poder simbólico que Lélia atribui às narrativas, cito também a produção da cartilha *ABC da Capoeira Angola* (2022), outro trabalho do Coletivo *Angoleiras Cabanas*, dessa vez premiado pela lei Aldir Blanc Juventude Ativa de Emaús 2020, organizado pela *mana* Bruna Maria Martins e constituído pelo registro de *corridos* de *capoeira angola* que citam a presença de mulheres, crianças e campesinato. As cantigas de capoeira exercem grande influência no imaginário e *ethos* dos capoeiristas, gerando paisagens sonoras e imagéticas. Culminância de um ano de trabalho desenvolvido no assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Mártires de Abril, localizado em Mosqueiro, distrito de Belém, esse trabalho se iniciou a partir do contato com a Ciranda Paulo Freire, em abril de 2019, atividade direcionada às crianças do movimento, quando ministramos uma oficina de capoeira angola, na Jornada de Lutas por Reforma Agrária Popular

⁹ Sobre a mestra Pé de Anjo, vale conferir o quadrinho organizado por Carla Baia e Carla Costa: *Ayana: a menina dos pés de anjo*.

em Defesa da Amazônia. A partir de então, de 2019 até 2020, período inicial da pandemia de Covid-19, realizamos uma série de outras oficinas com os *sem terrinhas*¹⁰.

Sai Catarina, Saia do Mar, Venha Ver Idalina

(Vi)vemos todas as distorções de valores morais provocadas pelo mundo moderno, que possui por pilares o racismo e o machismo, dando existência a inúmeras gerações que reproduzem discursos de ódio, nos quais mulheres são menores ou submissas, enquanto aquelas que protagonizam as lutas por equidade de direitos são recorrentemente perseguidas, torturadas e até assassinadas. O desalento dessas constatações, somadas ao fato de não termos mestras de capoeira angola em Belém, nos levou ao encontro de outras referências, mulheres de mestria, líderes de religiões de motrizes africanas: me refiro as *mametus*¹¹ de tradição do *candomblé angola*, uma das nações de candomblé existentes no país. O coletivo *Angoleiras Cabanas* foi acolhido mais de uma vez por essas *mametus* na cidade de Belém, tendo sido, por exemplo, o primeiro dia do evento *Plantando a Capoeira Angola*, realizado no terreiro *Mansu Nangetu*, com o apoio de *Mametu Nangetu*.

Nesse sentido, vale ainda ressaltar uma outra ação realizada pelo coletivo *Angoleiras Cabanas*, em março de 2020, quando nos reunimos na Defensoria Pública da cidade de Belém do Pará, em uma roda de conversa, chamada de *Protagonismo Feminino e Tradição*, composta pela então ouvidora Juliana Oliveira, Mãe Jucy, Mãe Xokeide d' Oya e Mestre Catita (uma das poucas mestras mulheres na cidade, proveniente da capoeira regional). A roda de conversa girou em torno do protagonismo de *mulheres de tradição* e os enfrentamentos ao se combater desigualdades de gênero, no interior de práticas culturais de motrizes africanas.

Na forma como essas mulheres militam, torna-se nítido que o combate ao racismo é uma prioridade. Muito próximas a seus irmãos e companheiros, sobretudo, homens negros, elas distinguem perfeitamente a necessidade de combate às desigualdades de gênero. Ademais, compreendem com clareza que a justiça branca não abarca a complexidade das relações nesses

¹⁰ Sem terrinhas: crianças que fazem parte do Movimento Sem Terra (MST).

¹¹ No tocante aos termos sobre o candomblé, trago o diálogo com a *mana* Ekedy Xokeid de Oyá, que, além de ser integrante do coletivo, é iniciada na nação gege do candomblé. Segundo Xokeide, *esse termo é específico do candomblé de angola, no candomblé ketu a nomenclatura seria Ialorixá, no candomblé gege do qual eu faço parte a nomenclatura é Doné [...]então na casa a mametu, ialorixa ou doné ela vai ter também essa função de chefiar de liderar a casa juntamente com seus filhos e as outras hierarquias né ela tem mediunidade para incorporar para receber orixá, pra se comunicar com os orixás ou nkissis ou voduns.*

territórios. A pauta do combate às violências contra mulheres nesses contextos demanda, então, o surgimento de estratégias provenientes desses mesmos territórios e vozes operantes.

Para mim, estar junto de outras 24 manas, em um primeiro momento, no terreiro sagrado do *Mansu Nangetu*, fazia-me sentipensar outro lugar de poder da mulher negra em nossa sociedade, que Lélia Gonzalez (2020) nos aponta, no ensaio acima citado, que é justamente o papel das *mães de santo*. Muito mais do que espaços de práticas voltadas à religião, os terreiros afro-religiosos são também territórios de acolhimento, produção de conhecimento, política e bem viver. Além disso, são liderados principalmente por mulheres, as quais não se eximem das discussões nas esferas políticas oficiais na cidade de Belém. Com base nisso, abordar as trajetórias de militância, atuação política de algumas dessas *mães de santo* já daria por si um outro ensaio.

Não se pode compreender a ancestralidade africana, partindo-se de um princípio de suposta subserviência da mulher. Segundo a pesquisadora e professora nigeriana Oyèrónké Oyèwùmíó (2020), que utiliza o conceito de matripotência, ao se referir às formas de organização de algumas sociedades yorubanas, o lugar de poder dentro dessas sociedades nunca esteve associado à categoria gênero, tal como ocorre nas sociedades ocidentais. Segundo o pensamento dessas matrizes africanas, o que rege o social é a ancestralidade, sendo as mulheres extremamente respeitadas e valorizadas pelo papel fundamental que a *Ya*, mãe, exercia nessas formas de organização, podendo mesmo se afirmar que essa seria a unidade social mais fundamental dessas sociedades: a relação entre a mãe a prole. A *Yá* encuba em seu corpo uma alma que já era existente e auxilia o criador na criação da criatura, sendo, portanto, muito venerada, respeitada e compreendida como poderosa, de tal forma que muitas mulheres nessas sociedades foram rainhas, políticas e guerreiras. No mundo ocidental, o núcleo familiar patriarcal pressupõe que ser mulher se reduz a ser esposa e cuidar dos afazeres do lar e dos filhos do protagonista, o marido. Se quisermos então adentrar mais profundamente nas formas de ver o mundo de práticas culturais de matrizes africanas, necessitamos buscar outras referências para além do feminismo eurocentrado. Dessa forma, dialogo com o pensamento de Oyèwùmíó (2020. p. 06):

os conceitos feministas emergiram da lógica da família nuclear patriarcal, uma forma de família que está universalizada de forma inadequada. Nesta seção, desenhando a partir da minha própria pesquisa sobre a sociedade Iorubá do sudoeste da Nigéria, eu apresento um tipo diferente de organização familiar. A família Iorubá tradicional pode ser descrita como uma família não-generificada. É não-generificada porque papéis de parentesco e categorias não

são diferenciados por gênero. Então, significativamente, os centros de poder dentro da família são difusos e não são especificados pelo gênero. Porque o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero, as categorias de parentesco codificam antiguidade, e não gênero.

Consideramos, assim, de grande força política e simbólica a participação de *Mametu Nangetu* em nosso evento, que nos abriu o salão do *Mansu Nangetu* e nos deu sua bênção para a roda de abertura. A ela rendemos nossos sinceros agradecimentos! Lembramos e citamos o papel fundamental de outras *mães* em Belém, como *Mãe Nalva*, *Mãe Jucy D'oya*, *Mametu Muagile*, entre outras, como mulheres de frente na luta por políticas públicas, a favor de uma cultura da paz e no combate contra o racismo religioso e ambiental, tão arraigado em nosso país. Essas *mães* também vêm formando toda uma geração de jovens negros e negras que têm, de forma crescente, protagonizado movimentos artísticos, culturais e intelectuais que impactam a cidade, para muito além do território dos *terreiros*. É marcante também a presença de homens que frequentam os terreiros, de distintas classes sociais e diferentes origens étnicas e que embora exerçam funções de suma importância no funcionamento dos terreiros, como é o caso dos *tatas*, dos *ogãs*¹², estão ali sob o comando, na maioria das casas de santo, das vozes de mulheres.

¹² Ogã ele é um sacerdote que não tem mediunidade para incorporação, ele é considerado pai de santo também dentro das casas. Ele no caso, o ogã ele pode exercer várias funções dentro do candomblé, na verdade o ogã, quando ele é iniciado ou confirmado, ele é designado já para uma função específica que pode ser de corte ou de toque. Tem o ogã que é responsável por tocar, por conduzir os atabaques e a música também né e por consequência a dança e tem os ogãs que já são ligados a outras funções.

Figura 2 – Roda de Capoeira Angola no Mansu Nangetu



Fonte: Acervo da autora. Mametu Nangetu, Coletivo Angoleiras Cabanas, Mestra Samme, Mestra Di, Coletivo Angoleiras de Upaon Açu, Convidados e Filhos de Santo do Mansu Nangetu

Sinto, logo sei. A decolonialidade do que fomos ensinadas e ensinados a sentir também é urgente. O encontro com mulheres que, há mais tempo que nós, caminham na *capoeira angola*, nos *candomblés*, *carimbós*, *tambor de crioula*, *batuques* e hoje ocupam posições de destaque em âmbito nacional e internacional nos inspira e nos (co)move. Eu me recordo de um momento em que Mestra Samme referia-se com muito respeito a outras mestras dentro da capoeira. As reflexões de Samme, ao se referir ao comportamento delas, girava em torno de frases como: “*ver aquela mulher tocar, cantar daquela forma e ter batido aquela rasteira naquele cara, aquilo fala por si, já é um grande exemplo, é a forma daquela mulher de estar na luta. Ela não precisa falar sobre feminismo, ela é a militância*”.

Inspirada nas reflexões de Samme sobre os distintos nomes que possamos dar as nossas lutas, eu percebia a riqueza que um evento de mulheres diversas pode provocar. Admitir as diferenças existentes entre nós dentro de um coletivo, começou a me parecer de fundamental importância para que a força do coletivo não atropelasse as subjetividades. Sentipensar os limites de aproximação como caminhos para elaborar estratégias de boa convivência e respeito, dando suspiro para as distâncias também necessárias, mesmo no interior de *comunitas*, também

passou a me parecer muito importante. Embora percebamos que nossa diversidade e nossas diferenças gerem, por vezes, conflitos, também podemos perceber a força de agregar diferenças, pela diversidade de complementares olhares, talentos e potências, que somados, formam um corpo de coletividade realizador.

Durante o evento, ainda em Belém e, em seguida, no espaço do Arte Fazenda, na Vila do Apeú, eu também (re)sentia a difícil relação que eu mesma já tinha tido com outras mulheres, da minha própria família e de outros espaços. (Re)sentia tantas vezes ter me sentido negligenciada e violentada por elas também, e não apenas por homens, pois mulheres também violentam umas às outras. Por mais espinhoso que isso seja, precisa ser dito, assim como precisa ser examinado o potencial de ser violenta que também temos cada uma de nós, marcadas por tanto.

O caminho de cuidado, acolhimento entre nós não é óbvio num sistema que tem um dos seus pilares sediado no machismo. Longo é o caminho de reconstruções para nos ir *Manarmos* num sistema que nos dispõe como inimigas e introjeta em nós sentimentos de competitividade, estrategicamente. Justo assim, o coletivo *Angoleiras Cabanas* surgiu com o propósito de que treinando juntas pudéssemos fortalecer laços de companheirismo, na luta que cada uma faz para melhorar como capoeiristas e para soterrar o patriarcado que existe, inclusive, dentro de nós mesmas. Nesse sentido, também acredito ser possível aproximar o conceito de sentipensar para descrever o que vivenciei no coletivo e especialmente o que vivenciamos com esse evento, sentindo que esse espaço foi um ambiente educacional formador e transformador das pessoas envolvidas. Segundo Moraes e de La Torre (2001, p. 16):

É importante lembrar que através da ação/reflexão mudamos estruturalmente em nossa corporalidade, segundo o curso de nossas emoções, de nossos pensamentos e sentimentos, dos conteúdos de nossas conversações e reflexões. É desta maneira que o viver/conviver se estabelece e vai modelando os diferentes domínios de nossa existência. Na realidade, o domínio de nossa existência é sempre o domínio de uma co-existência, de uma co-deriva natural nas palavras de Maturana, de existências coletivas, cujas transformações estruturais dependem dos valores, desejos e aspirações de cada um de nós

Quero dialogar, aqui, com o pensamento da mulheirista Audre Lorde, em sua pujante compilação de ensaios, *Irmã Outsider*, sobretudo no ensaio *A Poesia Não É Um Luxo*, no qual a autora fabula justamente sobre o lugar de poder das mulheres, que, para ela, se situa no nosso poder de compreendermos o mundo também, para além da razão, a partir dos sentimentos. Vivemos em uma sociedade pautada no exacerbado raciocínio lógico cartesiano e essa

sociedade colapsada, hoje, precisa buscar novas possibilidades de caminhos, esperanças de porvir. Segundo Lorde (2019, p. 46):

quando entramos em contato com nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de vida como situação a ser experimentada e com a qual se interage, aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder - é delas que surge o verdadeiro conhecimento e com ele, as atitudes duradouras.

Já me encaminhando para o fim desta escrita, quero ainda suscitar reflexões sobre processos de colonialidade em relação a nossa região norte, Amazônia paraense, mais especificamente, dentro desse universo da *capoeira angola*. Da mesma maneira que mulheres são subalternizadas dentro de uma prática que se pretende libertária, também nossa região é tratada de forma desigual em relação a centros de referências de *capoeira angola*, muito embora historicamente e estatisticamente, a prática da capoeira se apresente como antiga e constituinte da cultura da cidade de Belém. Aqui e na Amazônia de forma geral, vive-se um isolamento geográfico em relação a outros centros culturais do país, que lançam para a floresta amazônica, suas cidades e povos um olhar que nos exotiza e nos lê como lugar tanto de repositório das riquezas nacionais, como território a ser conquistado.

Embora a prática da capoeira em Belém remonte há séculos de história, a modalidade da *capoeira angola* nessa mesma cidade é uma tradição que vem se forjando há aproximadamente 20 anos, segundo uma média de relatos de praticantes, protagonistas dessa história. Isso faz com que os interessados na modalidade passem a se relacionar com mestres da Bahia e de alguns outros estados do país, investindo em formações que se dão ou com a ida dos capoeiristas locais aos centros tradicionais da capoeira angola, ou com a vinda de mestres que oferecem oficinas na cidade. Essa dinâmica teria nos colocado mais uma vez no lugar de uma região exótica desabitada pronta para ser desbravada por pessoas de outras regiões. Atualmente, existem alguns poucos mestres, contramestres e treineis de capoeira angola e ainda nenhuma mulher contramestre ou mestra em nossa cidade nessa modalidade de capoeira, embora já existam treineis mulheres.

Como proposta do evento *Plantando a Capoeira Angola*, não queríamos repetir mais uma vez relações colonialistas, trazendo mestres dos grandes centros de referência de *capoeira angola*. Optamos então, como estratégia, pela aliança com o coletivo *Angoleiras de Upaon Açu*, de São Luís, capital vizinha a Belém. Inclusive, historicamente toda essa região em outro

momento histórico se chamava Grão Pará, desde São Luís até Belém. Apostamos nessa aliança: outro coletivo de mulheres fora do circuito tradicional de *capoeira angola* no país.

Adentrando um pouco mais em questões da realidade amazônica, onde localizam-se as cidades ditas mais pobres do país e, não por acaso, onde a exploração sexual de mulheres também possui alto índice, gostaria de dialogar com o pensamento de Vandana Shiva (2004), para quem a ideologia do progresso chama de pobreza a prudente subsistência, destruindo estilos de vida sustentáveis e criando a verdadeira pobreza material. As economias de subsistência praticadas em muitos territórios terceiro mundistas, também praticada entre ribeirinhos, quilombolas, indígenas amazônicos não são pobres no sentido de estarem privadas de algo, mas são assim denominadas porque não participam da economia de mercado. Dessa forma, os povos amazônicos, guardiões da floresta são vistos pelo restante do país como desprovidos, quando, em verdade, vêm guardando as derradeiras riquezas naturais desse importantíssimo bioma para o planeta. O sistema capitalista, racista, misógino trava uma guerra contra a natureza, contra as mulheres, contra os povos originários, contra crianças, contra as populações mais pobres.

Após o evento *Plantando a Capoeira Angola*, tivemos a oportunidade de realizar falas sobre a trajetória do Coletivo *Angoleiras Cabanas*, numa live realizada em abril de 2022, no Programa *Mandinga de Mulher*, proposta por um outro coletivo independente de mulheres *angoleiras* do estado da Bahia, que se intitulam como *Marias Filipas*. Considerei análoga a proposta desse coletivo em relação ao nosso, pelo seu formato independente. Portanto, trouxe aqui a voz de Christine Zonzon, integrante do *Marias Filipas*, praticante de *capoeira angola* desde a década de 80, em Salvador, pesquisadora, autora dos livros *Nas Rodas da Capoeira e da Vida Corpo Experiência e Tradição* e *O Legado de Ritinha da Bahia Mulheres no jogo da Resistência* e uma das diretoras do filme documentário *Mulheres da Pá Virada*, em entrevista cedida em maio de 2022, sobre o coletivo *Marias Filipas*:

[...] a gente participou de congressos acadêmicos propondo rodas, discussões, sempre sobre o tema da opressão de gênero na capoeira e fora da capoeira, mas o nosso foco sempre foi de uma luta dentro da capoeira, desconstruir, questionar e denunciar a violência de gênero que se exerce de uma forma às vezes simbólica, às vezes física e sexual também, claro.

Quais segredos o patriarcado nos fez esconder durante tanto tempo, nos recônditos, tão guardados e que agora parece vir do subterrâneo, como lava quente de vulcão, pelas vozes de movimentos sociais, que reclamam espaços antes negados? O que, sobretudo, temos a ensinar

depois de séculos de vigílias e punições sobre nossos corpos e sentimentos e que pode apontar caminhos de construções de outras convivências sociais pautadas em mais equidade?

Eu já vou beleza, eu já vou me embora

Quando, em meados dos anos 30, no século XX, os dois estilos de capoeira, angola e regional, surgiram a partir de uma cisão de princípios entre Mestre Bimba e Mestre Pastinha, Belém manteve-se como uma cidade onde predominou a prática da capoeira regional. No fim dos anos 80, então, o Núcleo de Capoeira Angola Arte e liberdade (NUCAAL), que funcionava na sede do prédio do *vadião* na Universidade Federal do Pará (UFPA), coordenado pelo mestre Bezerra, mas que contou com a passagem de vários outros mestres locais, protagonizou um dos primeiros processos de transição de um grupo de capoeira regional para um grupo de capoeira angola. Lembro de alguns nomes de mulheres que integraram esse coletivo: Tuca e Sueli, por exemplo, e relembra-las mais detalhadamente também fica para um próximo texto.

Concomitante a isso, um outro grupo, liderado pelo Mestre Índio, o *Angola Dobrada* também atuava no estado do Pará e se dedicava à prática da capoeira angola. Destaco, dessa época a presença da *angoleira* Walquiria Fagundes. que hoje figura como uma das *angoleiras* mais antigas da cidade e também atuante no coletivo *Angoleiras Cabanas*. Não posso deixar de citar, ainda, ao um pouco da minha própria trajetória, a figura emblemática da *angoleira* Vitória Aranha, falecida recentemente, que fez parte da Federação Internacional de Capoeira Angola (FICA) e morou em Belém no início dos anos 2000, tendo um papel muito importante e pioneiro na capoeira angola em Belém.

Comecei minha história com a capoeira angola em 2003. Naquela época, fiz minha primeira viagem a Belo Horizonte, buscando formação em teatro. Flanando pelas ruas do centro, recebi um panfleto de um desconhecido: tratava-se de uma divulgação para um aniversário de um mestre de capoeira angola, mestre João Espiritual, resolvi então ir para o aniversário, e, ao olhar a festa, me estonteei! Era o canto do Grão Mestre Dunga que soava no ambiente, e quem estava no jogo era o mestre João. Os corpos derramavam-se pelo chão em arabescos, e eu fui atravessada pela poética daqueles gestos. Na semana seguinte, tive meu primeiro treino de capoeira angola com o então treinel Daniel, hoje mestre Daniel. Seis meses depois, já de volta a Belém, ouvi falar de um grupo que se reunia à noite no prédio do *vadião*, na UFPA, e que praticava esta modalidade de capoeira: a capoeira angola. Quando cheguei ao grupo a presença da Vitória Aranha era marcante. Naquele momento composto por muitas das

peessoas que hoje continuam protagonizando, por Belém e outras cidades do Pará, as práticas de capoeira angola, esse grupo que inicialmente conheci se desfez e refez inúmeras vezes, por conta de variados conflitos. Vitória Aranha, mulher preta que junto a outros homens liderava o grupo naquele momento, foi de fundamental importância para a vinda de muitos mestres de capoeira angola para Belém.

Após esse primeiro contato em 2003, em Belo Horizonte, no ano seguinte Mestre João esteve pela primeira vez em Belém, acompanhado da Mestre Lena Santos. Em 2005, eu os encontrei novamente em Porto Alegre, na edição do *Fórum Social Mundial* daquele ano, e de lá, quando acabou o fórum, segui para Belo Horizonte mais uma vez. Em 2009, estive novamente na capital mineira, em uma edição do *Lapinha Museu Vivo no Mês da Abolição*, encontro de capoeira realizado anualmente pela *Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (ACESA)* e pela *Associação dos Atores da Pândega*, coordenada pelo Mestre Gersino, em Minas Gerais. Finalmente, em 2010, fui residir em Belo Horizonte, onde fiquei durante sete anos, convivendo com os Mestres João e Lena e outras referências da *ACESA*, treinando capoeira angola e dança afro-brasileira. Mestre Lena, então, é uma referência de mestra mulher com quem convivi.

Essas memórias me povoavam a alma durante o *Plantando Angola*. No mês de fevereiro, convivemos com um alto índice pluviométrico, e sendo eu em minha mulheridade, das águas, sentia-me atravessada por todas essas voltas ao mundo, correntezas pessoais, enquanto sangrava ali, dentro de um evento de mulheres. Convoco, novamente, Audre Lorde, que ao falar sobre o conceito de *mulheres-que-se-identificam-com-mulheres*, destaca que:

Para as mulheres, a necessidade e o desejo de cuidarem umas das outras não são patológicos, mas redentores, e é nesse saber que o nosso verdadeiro poder é redescoberto. É essa conexão real que é tão temida pelo mundo patriarcal. Somente em uma estrutura patriarcal é que a maternidade é o único poder social disponível para as mulheres [...] A diferença (entre mulheres) não deve ser apenas tolerada, mas vista como uma reserva de polaridades necessárias, entre as quais nossa criatividade pode irradiar como uma dialética [...] Como mulheres, fomos ensinadas a ignorar nossas diferenças, ou a vê-las como causas de desunião e desconfiança, em vez de encará-las como potenciais de mudança

O retorno e a inspiração à África Mãe e a outras formas de organização de povos originários atualiza-se no comportamento de mulheres que não são subservientes; nesse caso específico, mulheres amazônidas de *corpos encapoeirados*. Mais fortalecidas em nossas práticas, seguimos, daqui de Belém, esperando que todas possam ter na *capoeira angola* esse

território de pertencimento e fortalecimento para as lutas diárias, de bem viver de formação e transformação de si e do meio, como nos sugere o sentipensar enquanto caminho pedagógico. Por mais mulheres em suas diversidades praticando a *capoeira angola*, por homens conscientes e aliados na luta contra o patriarcado. Salve a *Capoeira Angola*, essa entidade viva que se manifesta em nossos corpos e nos nutre a vida! Salve as *mulheres de tradição, as angoleiras*, que pela prática da capoeira angola, atualizam em seus corpos a memória coletiva de mulheres protagonistas de suas rExistências.

A presença de mulheres que sempre estiveram na capoeira continuará a existir no que depender das inúmeras mulheres que hoje treinam e formam outras mulheres e homens na capital da Amazônia. Belém é uma cidade de tradição de capoeiragem, que aqui assumiu contornos próprios, merecedora da devida reverência, independente dos discursos de modalidades de capoeira angola e regional. Mulheres capoeiristas aqui, desde Maria Meia-Noite passando por Mestra Pé de Anjo, Mestra Cigana, Mestra Lene, Mestra Catita, Vitória Aranha, entre tantas outras, existiram, rExistem e existirão. Que possamos superar a reprodução de machismos nesses espaços, reconhecendo outros corpos possíveis, assim como formas de convivência pautadas no cuidado, colaboração, respeito mútuo, nos quais sentimentos e pensamentos estejam articulados na produção de *corpos encapoeirados*.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária Elefante, 2016.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Do Morro Produções. Confluências Antônio Bispo. Youtube. 28/06/2021. Disponível em: <https://youtu.be/fi-4T8tdYDY>. Acesso em: 14 maio 2022.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FOLTRAN. P. J. Capoeira é pra homem, menino e mulher: angoleiras entre a colonialidade e a descolonização. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, v. 10, n. 19, agosto 2017.

FOLTRAN. P. J. **Mulheres Incorrigíveis Histórias de Valentia, Desordem e Capoeiragem na Bahia**. São Paulo: Ed. Dandara, 2021.

FONSECA, M. B. **Poderosas Rainhas Africanas**. Belo Horizonte: Ancestre, 2021.

FONSECA, M. B. Iê Aruanda! A memória de Angola cantada na capoeira. *In*: MELO, J. C. de (org.). **Caleidoscópio de Clio: saberes históricos em diferentes espaços de memória**. Belém: RFB, 2022.

GONZALEZ, L. A mulher negra na Sociedade Brasileira: uma abordagem político econômica. *In*: **Por Um Feminismo Afro Latino Americano Ensaio Intervenções e Diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LORDE, A. A Poesia não é um luxo. *In*: LORDE, A. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MARINHO, A. F.; ASSUNÇÃO, B. K. Saberes Ancestrais e o Combate à Colonialidade de Gênero: a experiência do coletivo Angoleiras Cabanas em Belém-PA. **Revista Gênero na Amazônia**, n. 10, p. 61-70, jul./dez. 2022.

MARTINS, B. M. (org.). **ABC da Capoeira Angola Catingas de capoeira sobre Mulheres, Crianças e Campesinato**: material auxiliar para treinos e letramento de crianças. Belém: Edição da autora, 2022.

MARTINS, L. M. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, L. M. **Performances do Tempo Espiral**. Poéticas do Corpo Tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MENEZES, B. de. **Batuque**. Belém: edição do autor, 1939.

MORAES, M. C.; TORRE, S. de La. **Sentipensar sob o olhar autopoietico**: estratégias para reencantar a educação. São Paulo: PUC, 2001.

MORAES, M. C.; TORRE, S. de La. Os fundamentos do sentipensar. *In*: MORAES, M. C.; TORRE, S. de La. **Sentipensar**: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004.

OYÈWÙMI, O. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *In*: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Rádio Capoeira. Programa Mandinga de Mulher apresenta: Imagens e Memórias de Mulheres na Capoeira. Youtube, 09 abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/gSEhKIwVzk?feature=share>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SALLES, V. **O Negro na Formação da Sociedade Paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SILVA, D. F. da. INTRODUÇÃO (Di)Ante(s) do Texto. *In*: **A Dívida Impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

TAVARES, R. Mulheres de Fogo. *In: fanzine*. Belém, 2008.

TEIXEIRA, C. P. V. **Nas Voltas que o Mundo Deu Nas Voltas que o Mundo Da**: Um Estudo sobre Ritual e Performance na Capoeira Angola em Belém. Orientadora: Prof. Dr. Marilu Campelo. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

SILVA, M. Z. G. da. **Movimento capoeira mulher**: Saberes ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará. Orientação: Prof. Dr. Ariel Feldman. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, Cametá, PA, 2016.

SHIVA, V. La mirada del ecofeminismo. **Revista On-Line de la Universidad Bolivariana**, v. 3, n. 9, 2004.

WALSH, C. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In: CANDAU, V. M. (org.) Educação Intercultural na América Latina*: entre concepções, tensões e posturas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

Entrevistas:

KALIFE, Brenda. **O Coletivo Angoleiras Cabanas**. Entrevistadora: Carmem Pricila Virgolino Teixeira. Arquivos pessoais da entrevistadora. Em: 10/03/2022.

MARTINS, Bruna. **O Coletivo Angoleiras Cabanas**. Entrevistadora: Carmem Pricila Virgolino Teixeira. Arquivos pessoais da entrevistadora. Em: 10/03/2022.

ZONZON, Christine. **O Coletivo Marias Filipas**. Entrevistadora: Carmem Pricila Virgolino Teixeira. Em: 14/05/2022.

D'OYA, Xokeide. **O Candomblé**. Entrevistadora: Carmem Pricila Virgolino Teixeira. Em: 16/05/2022.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não se aplica.

Financiamento: A pesquisa foi realizada com financiamento da CAPES.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Não passou por comitê.

Disponibilidade de dados e material: Não se aplica.

Contribuições dos autores: Autoria única.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

